

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

“ *De onde viemos? Aonde vamos?
Viajemos e compreendamos nosso destino (...)
Na era dos computadores, temos mais idéias e sonhos.
Agora estamos diante do desafio do amanhã.
Com o aumento do conhecimento e da tecnologia,
Nós mudamos nossas vidas e nossos mundos.
Dos confins do espaço às profundezas do mar,
Nós construímos numa vasta rede eletrônica (...)*”
(Pierre Badin)

Esta mensagem poderá causar impacto! Mas nós a empregamos propositadamente, pelo seu caráter ilustrativo e porque sentimos na sua essência um toque especial que nos faz refletir sobre os impactos de uma nova ordem econômica e social, onde o cerne das transformações que estamos presenciando refere-se às tecnologias da informação, processamento e comunicação. Ao lê-la, nos reportamos de imediato a obra de Castells - **sociedade em rede**¹ - primeiro volume da trilogia a *era da informação: economia, sociedade e cultura*.

Nossa intenção não é endossar, sem reticências, o pensamento de Castells, nem tão pouco fazer desfilar uma multiplicidade de conceitos. Em princípio, o que nos interessa é apresentar uma síntese das idéias contidas nessa obra, a fim de compreendermos os novos contextos em que se desenrola a vida social diante das mudanças causadas principalmente pela revolução tecnológica concentradas nas tecnologias da informação.

O que dizer sobre a aludida obra? Antes de tudo, admirá-la como uma exitosa aventura. Sua grande virtude é ocupar-se com uma questão complexa, difícil de ser trabalhada, trata-se da espantosa metamorfose da sociedade que irá materializar o contexto futuro da humanidade - dinâmicas econômicas e sociais da nova era da informação.

Eis que, afinal, surge uma obra a conter traços que sem dúvida caracterizam uma pesquisa bem sucedida, que desperta curiosidade com relação às mudanças introduzidas no nosso padrão de sociabilidade, em razão das transformações tecnológicas e econômicas.

Convém enfatizarmos que a obra *sociedade em rede* está estruturada da seguinte forma: um prólogo, sete capítulos e conclusão. O prólogo, denominado *a rede e o ser*, trata do emergente fenômeno de informatização como irreversível e do novo liberalismo mundial em que tudo é justificado em função do mercado. O autor afirma que, na sociedade onde convivem *a rede e o ser*, a fragmentação social se propaga gerando situações que desestruturam os movimentos sociais, causam problemas entre as normas internacionais e a oposição política torna-se inexistente.

Neste contexto, o que mais nos chamou atenção foi o fato de nossas sociedades estarem cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre *a rede e o ser*. Desse

¹ Castells define rede como um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação

modo, podemos dizer que nestas sociedades só mesmo uma redefinição profunda do ser humano permitirá vencer as resistências e os obstáculos de uma sociedade emergente - a sociedade em rede². É nessa redefinição do ser humano, embutida nesta sociedade, que estamos insistindo, porque ela mexe com o indivíduo a ponto de redesenhar uma profunda sensação de isolamento devido estar sem identidade, sem base de princípios e valores coerentes que possam orientar melhor o seu processo comportamental e, uma necessidade constante de definir diretrizes para uma nova vida.

Essa realidade não é menos verdadeira quando Castells toca numa questão de fundo, o poder fértil da informação, capaz de concretizar uma nova estrutura social. Neste sentido, julga necessário esclarecer a distinção entre *sociedade da informação* - aquela que recebe os impactos informacionais - e *sociedade informacional* - aquela cuja estrutura básica é apresentada em redes, divisão típica da nova *sociedade em rede* que vem sendo difundida sobre o planeta reivindicando uma universalidade sem paralelo.

O autor comparece a essa discussão com um propósito: colocar diante da sociedade o horizonte de uma humanidade verdadeira, e, assim, não deixar desaparecer a tensão entre o ideal e o real, que constitui a vida do homem como *ser histórico*. Muitos de nós acham difícil aceitar a idéia do esboço de uma nova sociedade porque são impedidos (excluídos) dessa realidade. Todavia, a nossa verdade depende do processo informacional a que tenhamos sido submetido. À medida que mudamos o nosso nível de informação provavelmente, mudaremos as nossas verdades sociais.

Castells abraça o primeiro capítulo de sua obra, abordando o aspecto da revolução da tecnologia da informação e o processo de globalização, com a finalidade de tornar patente o processo atual de transformação tecnológica, que se expande exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos mediante linguagem digital, na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, trabalhada e disseminada. Estamos nos envolvendo cada vez mais nas facetas das novas tecnologias e a maneira como o autor enfoca a tecnologia deixa claro como ela de um modo geral, vem revolucionando a nossa forma de pensar e agir.

A leitura da obra nos faz acreditar que o mérito desta revolução tecnológica se dá na aplicação dos conhecimentos e da informação para gerar conhecimentos e dispositivos de processamento/comunicação da informação em ciclo regenerativo - interativo, isto é, as novas tecnologias não são aplicativos, mas processos a serem desenvolvidos. Neste contexto, temos como vetor: a interatividade, gerando uma nova informação e abrindo janelas através das quais o homem pode pensar, decidir e produzir dentro do sistema de produção. Assim, a informação passa a ser considerada um processo e não apenas um elemento.

Esta obra exprime uma evolução do tempo e pode explicar isso ao abordar a seqüência histórica da revolução da tecnologia da informação. **Mesmo** sem trazer um relato completo sobre o assunto consegue, com extrema habilidade, assimilar e produzir uma breve história dessa revolução, lembrando os principais eixos da transformação tecnológica: geração/processamento/transmissão da informação, colocando-os na seqüência que se deslocou rumo à formação de um novo paradigma sociotécnico.

É difícil propor uma visão de mundo sem de alguma forma nos expormos. Contudo, Castells parece não se preocupar com esse detalhe, visto que ao delinear um cenário, onde ***os modelos, atores e locais da revolução tecnológica***, operando em níveis diversos conseguem equilibrar a coerência, a consistência, a originalidade e a objetivação dos fatos que contam as raízes sociais desta revolução. Nesse cenário, Castells evidencia: foi o

Estado, e não o *empreendedor de inovações em garagens*³, que iniciou a revolução da informação, tanto nos Estados Unidos como em todo o mundo.

Surge um novo paradigma da tecnologia da informação, tendo como característica primeira o aprimoramento do indivíduo. Esse será um pré-requisito básico para a tecnologia continuar avançando sem prejudicar a qualidade de vida do homem e a segurança da própria humanidade, visto que as ferramentas e as máquinas são inseparáveis da evolução da natureza humana. No processo acelerado da informatização da sociedade, o homem está perdendo gradualmente o consenso sobre os princípios, valores, tradições, por isso, o maior desafio da sociedade é lapidar este novo paradigma. Temos a nossa frente dois grandes agentes de transformação dos homens e das estruturas sociais: por um lado, *a tecnologia*, por outro *a informação*.

Colocando investidas essenciais, Castells fala no segundo capítulo de economia informacional e do processo de globalização, mostrando as especificidades históricas de uma nova economia global e informacional, delineando suas principais características e explorando a estrutura e a dinâmica de um sistema econômico mundial emergente.

Impressionante é a análise que Castells desenvolve no capítulo três: a empresa em rede: a cultura e o espírito do informacionalismo. Ele parte do pressuposto que estaríamos vivendo uma nova etapa no desenvolvimento do capitalismo, cuja integração dos mercados mundiais colocaria por terra a atual organização econômica, baseada em economias nacionais autônomas. O resultado desse processo seria o remanejamento de fluxos cada vez maiores da esfera nacional para a esfera mundial.

Percebendo que a obra muitas vezes se torna repetitiva, consideramos que ela não é apenas para ser lida, mas para ser refletida e analisada, pois uma vez compreendidos os cenários e as tendências tecnológicas e informacionais do futuro, temos condições de entendermos os impactos potenciais na sociedade, no indivíduo, na manipulação da consciência social e nos conceitos de trabalho. Estes pontos são enfatizados no capítulo quatro, e são considerados pelo autor como causadores da flexibilização extrema do trabalho e não de um desemprego em massa.

À luz dessa reflexão ousamos discordar de Castells, pois entendemos que a interface desses impactos - na nossa visão de mundo - produz resultados extremamente perversos para a humanidade: aumento da exclusão social, elevação dos índices de desemprego e da concentração da riqueza produzida.

Diluída ao longo do capítulo cinco, Castells enfoca a cultura da virtualidade real e o surgimento de redes interativas, trazendo à tona: das galáxias de Gutenberg à galáxia de McLuhan. Diante da interpretação mcluhaniana da história, qualquer mudança ocorrida na instrumentalidade da comunicação, isto é, nos meios de fazer a informação circular, determina amplas mudanças sociais e psicológicas no ambiente humano. McLuhan divide a História da humanidade em quatro estágios, e, valendo-nos da sua própria terminologia, chamemos ao primeiro estágio de Cultura Tribal, ao segundo de Cultura Manuscrita, ao Terceiro de Galáxia de Gutemberg e ao quarto de Aldeia Global.

Após ter aberto o leque de abordagens possíveis e complementares da obra, apontamos ainda nos capítulos seis e sete, questões como: o espaço de fluxos e o limiar do eterno: tempo intemporal. Aqui, o espaço e o tempo segundo o autor, são as principais

³ termo utilizado por Castells quando se refere a empréstimos inovadores, como os que deram início ao Vale do Silício ou aos clones de Pcs em Twain

dimensões materiais da vida humana e, estão sendo transformados sob o efeito combinado do paradigma da tecnologia da informação e das formas e processos sociais induzidos pelo processo atual de transformação histórica. Se antes dizíamos o tempo passa, o tempo voa...o que dizer agora, diante da complexa rede de comunicação virtual ?!

Isto posto, podemos dizer: não é preciso ser nenhum apaixonado pelas novas tecnologias para constatar que o desenvolvimento vertiginoso e a fusão entre as tecnologias levaram o homem a imergir neste contexto, para catalisar o processo de mudança nas relações de trabalho e porque não dizer nas relações interpessoais? As ponderações do autor nos permitem fazer uma reflexão sobre as transformações nas quais estamos imersos, haja vista tudo estar mudando à nossa volta, inclusive nós mesmos. Estamos na era da informação, onde a busca de novos referenciais devem ser compatíveis com os rumos e valores de uma nova sociedade.

Para remate final, podemos afirmar que a obra não traz conclusões definitivas sobre a sociedade em rede. Apesar de visualizarmos, a cada ano, o fio se tecer rapidamente, dando forma e contorno às redes não existem ainda ajustes decisivos sobre essa questão. Entretanto, o livro surge num momento oportuno, quando a humanidade se prepara para abraçar o ano 2001, às vésperas de um novo século e de um novo milênio, quando o tempo é transformado em velocidade e as redes de informação impõem desafios e apresentam uma nova paisagem a ser decifrada. E, antes que alguém possa tomar as afirmações desta obra como verdades universais, gostaríamos de sugerir que parece mais sensato tomá-las inicialmente, como base para reflexões, debates e discussões.

Profa. Edna Gomes Pinheiro
Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará